



portishead
DUMMY



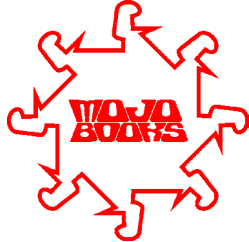
recontado por LUDMILA AZEVEDO



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

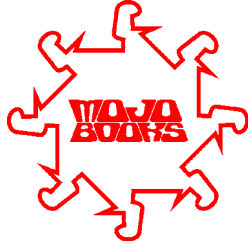
Danilo Corci
organizador



VOLUME 6

DUMMY
portishead

recontado por **LUDMILA AZEVEDO**



VOLUME 6

DUMMY portishead

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

projeto gráfico e diagramação **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Janeiro de 2007

Ela abriu os olhos. Ficou olhando para o teto por quase dez segundos. Podia jurar que aquela estrutura rígida, branca, de concreto estava se derretendo sob a sua cabeça, que doía. “Mais uma noitada regada a gim como a de ontem e eu não me levanto da cama jamais”, pensou. Ela tinha outros motivos para não querer sair dali: a dor aguda cortando seu coração, lembranças de tudo aquilo que poderia ter sido doce. Cantou baixinho, como quem delira: *“Please could you stay a while to share my grief. For it’s such a lovely day. To have to always feel this way. And the time that I will suffer less. Is when I never have to wake...”*

Lentamente levantou-se e caminhou até o banheiro. Mirou-se no espelho. Não entendia por que aquelas lágrimas não paravam de cair. “Um mês se passou. Eu já tinha de estar legal”, mentalizou. Para distrair-se, tirou o creme do armário. Com um chumaço enorme de algodão nas mãos esfregou os olhos marcados por rímel e lápis pretos; eles estavam ali desde a euforia anterior à festa e agora representavam um daqueles borrões decadentes, típicos de personagens *junkies* de filmes alternativos. Lavou o



rosto, prendeu os cabelos desgrenhados. Eles pediam um corte, uma aplicação de tintura. Mas quem disse que ela agora se importava com a aparência?

Seguiu para a cozinha. Precisava beber algo quente, reconfortante. Colocaria a velha cafeteira italiana em ação. Aquela que serviu tantos cafés da manhã a dois, preparados com a inspiração de quem era acordada aos beijos, seguidos por carícias e uma transa matinal de tirar o fôlego. A porção individual começou esfumaçar e perfumar o ambiente. Encheu a xícara. Procurou algo para comer. As latas de biscoitos estavam vazias; na geladeira havia um queijo que não cheirava bem. Tinha de parar com essa mania de adiar o supermercado. Bebeu o líquido puro, amargo, uma metáfora de seus dias.

Voltou para o quarto, abriu a janela e deitou-se na cama. Observou as figuras que as nuvens formavam no céu. “Como ele gostava de olhar para cima, sobretudo na hora das mudanças de tom: do azul para o rosa, do rosa para o vermelho, do vermelho para o marinho, do marinho para o negro com pontinhos prateados que um dia ele havia de roubar para me presentear”, recordou. Apertou o travesseiro com força e, mais uma vez, chorou.

O toque do telefone não interrompeu a imersão naqueles lençóis com o leve cheiro de cigarro que ela trouxera da rua. Decidiu



não atender. Que a maldita secretária eletrônica registrasse as mensagens. “Marina, aqui é Júlia. Estou preocupada com você. Seu celular está desligado. Liguei para o escritório e disseram que você não apareceu. Seu chefe está furioso porque você ficou de entregar o projeto de restauração da casa na hora do almoço e ainda não deu notícia. Por favor, me ligue. Beijo”.

Ela ouviu o recado. Olhou para o relógio. “Ainda faltam mais de quinze minutos para o meio-dia. “Quem esse cara pensa que é para ter a certeza de que eu não cumprirei o prazo?”, disse para si mesma, irônica.

Sentou-se na cama. Teve uma fração de segundo para se recompor. Foi até o armário e pegou o primeiro vestido colorido que viu pela frente. As calças estavam largas demais. É, não caíam bem. Pelo menos emagreceu aqueles quatro quilos que tanto queria. “Vou de laranja, traz iluminação, acreditam os budistas. Eu não acredito em nada. Nem no homem do saco, que seqüestrava as criancinhas desobedientes, eu acreditei. Por conta disso, passei uma tarde inteira de castigo”, recordou.

Balançou a cabeça como se quisesse abolir aquele tipo de distração que sempre a conectava a um passado distante, numa série de associações absurdas, às vezes. “O que o homem do saco tem a ver com isso?”, falou quase rindo enquanto tirava a camiseta.



Uma ducha gelada ajudaria a clarear os pensamentos. Foi quando encontrou outro vestígio. Teve vontade de lançar aquele xampu para cabelos normais longe. No entanto, ela retirou a tampa e cheirou. Era como voltar ao tempo em que reclamava da mania dele de dormir com os cabelos molhados e deixar a fronha impregnada com aquele aroma cítrico.

Foram tantas reclamações estúpidas... ela precisava encontrar motivos para brigar. Ele nunca encarou o embate. Sempre tão bem-humorado, paciente e, contudo, metódico, parecia ter razão em tudo — e isso sempre, sempre a irritava. Talvez ela não soubesse mesmo dividir ou, pior, como lhe foi jogado na cara, não fizesse questão alguma de ser feliz, com suas auto-sabotagens constantes. Numa dessas ocasiões, quando ele teve de viajar por dois dias, ela conheceu Roberto. Júlia estava na mesma festa e a alertou:

— Olha o que você vai fazer, Marina. O Pedro te adora.

Entre doses generosas de vodca e aquele sorriso do arquiteto italiano que a cortejara a noite inteira, não teve dúvidas: ignorou a existência do namorado. Dormiu com Roberto.

Mais do que um clichê, uma merda que Pedro jamais perdoaria. Decidiu contar tudo, uma vez que vários amigos e conhecidos observaram com repúdio aqueles amassos no canto escuro do



clube. Ela percebeu, enquanto ensaiava suas desculpas, que ele era o cara que acordava ao seu lado todos os dias, que estava presente, que a procurava, o que lhe dava mais e mais razões para amá-lo. Ouvia uma coletânea, no momento. Por coincidência, veio o trecho: *“Refuse to surrender. Strung out until ripped apart. Who dares, dares to condemn. All for nothing”*. O barulho da chave na porta a interrompeu. Pedro chegou jogando a mochila no chão e deu-lhe um abraço gostoso, tão sincero. Ela se atrapalhou. Gaguejou nas primeiras palavras, mas no entanto, contou a verdade sem rodeios. Aquele abraço anterior a sua enxurrada de palavras foi, então, o último que ganhou. “Um mês já se passou. Eu já tinha que estar legal”, repetiu.

Ela desligou o chuveiro. Ao passar pelo corredor, ouviu mais uma vez a voz de Júlia na secretária eletrônica. Colocou a roupa, pegou a pasta, ligou o celular. Saiu apressada em direção à estação de metrô mais próxima. A cor de seu vestido parecia chamar a atenção de algumas pessoas no caminho. Ou será que elas perceberam que ela arrastava culpa e perda por baixo daquele disfarce?

FIM



SOBRE A BANDA:

Se não inventaram o trip-hop, certamente foram o gatilho para a divulgação em massa do gênero. O Portishead foi formado em 1991, em Bristol, na Inglaterra, por Geoff Barrow, Adrian Utley e Beth Gibbons e primava por sons de *cool jazz*, *atmospheric pop* e *elastic beats*, num resultado explosivo, beirando a depressão absoluta. *Dummy*, álbum de estréia da banda, é o que define o estilo Portishead de trip-hop: claustrofóbico, recheado de breakbeats dark e com um resultado perto da crueldade.

CRÉDITOS ORIGINAIS:

Dummy - Portishead

Capa por Portishead

Lançado em 17 de outubro de 1994

Selo: Go! Discs / Polygram Records

Produzido por Portishead

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.portishead.co.uk

SOBRE A AUTORA:

Ludmila Azevedo é jornalista pós-graduada em cinema pela PUC-MG. Foi produtora, repórter, editora e apresentadora na Rede Minas durante sete anos. Colabora para revistas e *sites* especializados em cultura. Atualmente é repórter do caderno “Variedades” do *Jornal da Tarde*.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPATILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- * copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- * criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

* Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

* Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou “fair use”) concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

6

DUMMY

PORTISHEAD

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. MYSTERONS
2. SOUR TIMES
3. STRANGERS
4. IT COULD BE SWEET
5. WANDERING STAR
6. IT'S A FIRE
7. NUMB
8. ROADS
9. PEDESTAL
10. BISCUIT
11. GLORY BOX

